

Governo quer manter seu bloco unido

ACM afirma que, após a aprovação do mandato, Sarney está livre

O presidente Sarney pretende manter unida a base parlamentar que lhe garantiu o mandato de cinco anos na forma de um bloco multipartidário, reunindo políticos do PMDB, PFL, PTB, PDC e PUS. A informação foi dada ontem pelo ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, após a reunião do Presidente com os ministros para uma avaliação política.

Atual, contudo, na possibilidade de uma reforma ministerial para acomodar as forças políticas que apoiam o mandato de cinco anos, alegando que isso é decisão pessoal do Presidente e que, até este momento, não falou no assunto. Mas afirmou que "mudanças de ministro podem ocorrer a qualquer momento".

LOURENÇO

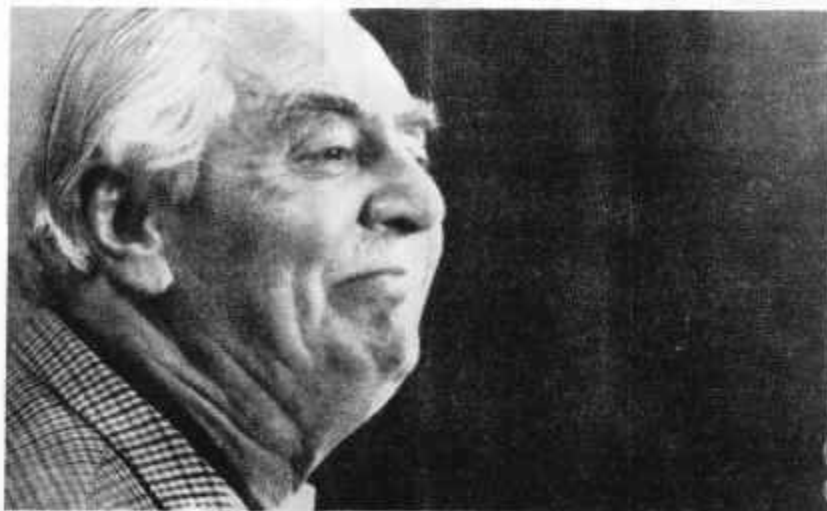
O Presidente sempre foi preso, desde a sua posse até a votação do mandato, por questões menores que não o deixaram trabalhar. Agora ele precisa de uma base parlamentar supra-partidária, sem que isso signifique desprestigiar os partidos — disse o ministro.

A médio prazo, as forças políticas que garantiram os cinco anos de mandato para o presidente Sarney podem formar um partido de sustentação ao Governo, admitiu o líder do PFL na Câmara, José Lourenço, ao sair ontem do Palácio da Alvorada, onde participou de uma reunião destinada a analisar a vitória governista.

Lourenço acrescentou que a nova legenda poderá surgir da fusão das forças remanescentes do PFL e do PMDB depois da reestruturação partidária prevista para o término das atividades da Constituinte. Mas, de qualquer forma, como disse, "a tendência é estabelecer a maioria conseguida durante a votação do mandato".

Segundo ele, que participou das articulações políticas do governo, todos os parlamentares que apoiaram o mandato de cinco anos para o presidente Sarney deverão tomar parte nas conversas e decisões do governo para que essa base de sustentação se amplie ainda mais.

O presidente vai precisar dessa base — disse. Antônio Carlos não quis



Jânio disse com ironia que Brizola e Montoro "só produziram benefícios para o povo brasileiro"

Jânio prevê seu mandato prorrogado

São Paulo (sucursal) — Os novos ônibus vermelhinhos foram colados no pátio da prefeitura de São Paulo, no parque do Ibirapuera. A bandeira da CMTC começou a tocar a marcha viva varre, varre, vassourinha. Os holofotes dos cinegrafistas das televisões foram acesos. Estava mais uma vez armado o circo, como acontece todas as sextas-feiras, para o prefeito Jânio Quadros se exercitar tendo em vista a campanha eleitoral para a sucessão presidencial.

Para Jânio, o adiamento das eleições municipais "parece inevitável". Ele disse sentir informações de que o Senado não votará a lei que regulamenta essas eleições facilmente, porque alguns parlamentares da Casa já apresentaram dezenas de emendas. O prefeito afirmou com convicção que essas eleições deverão ser coincidentes com a presidencial. O que, de acordo com suas avaliações, será ruim para "as esquerdas" e bom para "o Centro Democrático". Também serão beneficiadas, segundo ele, os constituintes que desejam disputar a sucessão municipal.

Cartos Magalhães ser candidato a vice em sua chapa para a Presidência da República. Mas comentou bem humorado: "se ele pretender ser meu vice, é porque haverá eleições só para vice". Sobre a possibilidade dos ex-governadores Leonel Brizola e Franco Montoro disputarem no segundo turno a Presidência da República, Jânio foi ainda mais irônico: "se ficarem entre esses dois e porque desapareceram os homens no Brasil e eles são os dois únicos sobreviventes".

deve ter crescido muito o seu prestígio no exterior" — comentou o prefeito. Ele considera que Sarney estava abalado por ataques. Mas desleixou: "mas atacado do que o presidente Sarney em todo Brasil, só eu fui".

Ac analisar o que poderá acontecer no País até 15 de novembro do ano que vem, quando for eleito o futuro presidente da República, Jânio prevê que o governo deverá chegar a um acordo apertado com o FMI. "Espero que o fundo proporcione 1,5 milhão de dólares para o Brasil. Agora que o presidente tem autoridade, um uso e meio de mandato

volta do sistema monárquico no Brasil. Em seguida, que da forma como as coisas caminhavam no País — antes da aprovação dos cinco anos — seria mais fácil escolher um ditador.

Jânio calcula, inclusive, que no segundo semestre a inflação será controlada num patamar razoável e que Sarney terá tranquilidade para governar. Segundo ele, o Presidente, antes da votação do mandato, só não esqueceu porque tem cabeça privilegiada. O prefeito acredita que agora todos os brasileiros desejam que ele tenha êxito nesse finalzinho de governo "sabendo que no futuro pode levar para lá — e esse rapaz de todos os prodígios — um Brizola, ou um Montoro". E concluiu com mais uma ironia: "homens assim que, como sabemos, só produzem benefício para o povo brasileiro".



A Executiva do PT decidiu tentar derrubar no segundo turno a proteção às terras produtivas

Cartaz do PT vai apontar os cincoanistas como traidores

Os constituintes que votaram pelos cinco anos de mandato para o presidente Sarney que se preparem. O movimento sindical promete para breve uma nova campanha de cartazes, onde serão denunciados os parlamentares que "traíram seus compromissos de palanque" e aprovaram o mandato do Presidente. A campanha será apoiada pelo PT e se encará como uma das principais estratégias do partido, no sentido de assegurar na Constituição as conquistas sociais obtidas no primeiro turno dos trabalhos constituintes. O PT está ainda outras formas de pressão popular para mudar a posição dos constituintes e

principalmente seus votos. A estratégia do PT para o segundo turno das votações foi anunciada ontem pelo deputado Olívio Dutra, presidente nacional do PT, que garantiu um grande empenho do partido com o objetivo de suprimir do texto constitucional o dispositivo que impede a desapropriação de latifúndios improdutivos para fins de reforma agrária. "Nosso trabalho não será apenas no sentido de consolidar as conquistas, mas até mesmo de ampliá-las", disse Olívio Dutra. O presidente do PT anunciou ainda que, além da pressão popular, o partido pretende apresentar um plano de governo, "que está sendo trabalhado no in-

terior das bases" e que servirá à campanha do deputado Luiz Inácio Lula da Silva, para Presidência da República.

nal. Temos consciência de que a fixação do mandato deu ao Presidente uma maior força política. Mas essa maioria não será determinante de uma correlação de forças, pois não é uma maioria ideológica". Dutra disse ainda que uma outra luta do PT é a que tem por objetivo garantir a realização de eleições municipais ainda este ano "pois persistem as ameaças de prorrogação". O presidente do PT afirmou que apesar dos percalços que o partido vem sofrendo a nível nacional, ele se mantém unido em torno das eleições e deverá lançar 2 mil candidatas a prefeito e 30 mil a vereador, em todo o País.

Senado agora tem maioria da oposição

AFONSO COZZOLINO Da Editoria de Política

O Palácio do Planalto conseguiu reunir 328 votos em favor da lei de cinco anos para o presidente José Sarney, mas não deixou de amargar uma derrota. Dos 72 senadores da República, apenas 33 se alinharam com o Governo. Isto significa, em termos práticos, a confirmação de um fato já conhecido dos senadores: o presidente Sarney não tem mais o apoio da maioria da Casa. O próprio líder do PFL, senador Marcondes Gadelha, porém, não havia tomado conhecimento de que o Governo perdera no voto a maioria, quase 24 horas após o término da sessão que definiu a duração do mandato presidencial.

ca" e que, por não existirem laços doutrinários ou partidários, nem um programa de Governo conjunto, a tenacidade do grupo será murchar.

Para Marcondes Gadelha, o fato de ter passado a turbulência criada em torno da votação do mandato pode contribuir para a fixação do bloco. "Agora, todos podem fazer uma análise mais preocupada com o Governo. Se colocarmos em prática um programa eficiente, que consiga o apoio da opinião pública, a base de apoio crescerá mais e mais", previu o senador. Já o deputado José Lima, que também votou em favor dos cinco anos, acredita que todos os parlamentares que ajudaram a aprovar o mandato presidencial estão, em princípio, abertos ao diálogo. "Mas qualquer apoio não poderá ser dado em troca de vantagens e benefícios", defendeu. "Tem que ser na base da identificação com o Governo, na base do diálogo em torno de temas a serem tomados".

Foram 33 votos pelos cinco anos e 37 contra. Isso surpreendeu a Gadelha. "Estão, contamos mal", reconheceu. O senador informou que o Governo tinha como certos os votos de dois senadores ausentes à votação — Virgílio Távora e Leite Chaves. Mesmo assim, não contaria ainda com a maioria. "Esperávamos empatar. Não sei onde erramos", disse. O senador Carlos Chiarelli, ex-líder do PFL, entretanto, não se surpreendeu com o resultado. "A maioria do Senado não era mesmo governista", garantiu. "Nós vamos fazer um esforço para reverter essa situação".

Lima, ao contrário de Gadelha, preferiu não fazer previsões sobre quantos parlamentares que votaram pelos cinco anos poderão se aliar ou não ao Governo. "Num primeiro momento, todos os 72 não aliados se posicionaram. No segundo momento, eu não sei dizer, até porque esta questão envolve outros problemas, como a própria vida dos partidos políticos e os rumos que o presidente José Sarney resolver dar ao seu Governo", afirmou.

Entorço que Marcondes Gadelha prometa fazer para ter a maioria do Senado ao lado do Governo se insere na estratégia que outros parlamentares governistas colocaram em prática para formar uma sólida base de apoio ao Presidente. E verdade que ninguém espera que os 328 deputados e senadores que aprovaram o mandato de cinco anos se alinhem ao Governo, mas certamente está nesse núcleo o novo bloco de sustentação.

Sobre a maioria perdida no Senado, José Lima, que já ocupou cadeira na antiga Casa, acredita que será preciso um trabalho forte das lideranças para modificar o quadro. "A diferença é muito pequena, tem gente que pode mudar de opinião, eu acho improvável", disse. Para José Lima, a falta de maioria do Governo no Senado prejudica o relacionamento entre os poderes Legislativo e Executivo e o próprio relacionamento entre a Câmara e o Senado.

O líder do PFL no Senado, por exemplo, prevê que não mais que 15 votos sejam perdidos. "310 parlamentares constituem a nossa base mínima no Congresso", garantiu. O senador Carlos Chiarelli, contudo, discorda disso. Embora não faça previsões, Chiarelli entende que a maioria do Governo nesta votação foi "conjuntural e casualis-

tas primeiras dificuldades geradas por esse problema. "Como somos minoria, não temos como impor a nossa vontade. Qualquer pessoa pode obstruir votações. Resultado: temos 17 indicações de embaixadores por votar e a definição das eleições municipais está nos mãos das oposições", concluiu.

A POSIÇÃO DE CADA UM

SIM	NÃO
Afonso Arinos	Afonso Camargo
Albano Franco	Amir Góes
Alexandre Costa	Carlos Chiarelli
Alfredo Campos	Chagas Rodrigues
Alvaro Bezerra	Dionísio Cassares
Alvaro Pacheco	Fernando H. Cardoso
Aureo Melo	Iram Saraiva
Carlos Alberto	Ramiro Franco
Carlos De'Carli	Jamir Madaloz
Cid Saldanha de Carvalho	José Paulo Rios
Divaldo Surungê	Jorge Bornhausen
Edson Leão	José Agripino
Francisco Rollemberg	José Fogaça
Georges Camata	José Ignacio Ferreira
Guthrie Palmira	José Paulo Rios
Humberto Lucena	José Rêgo
Irpaun Costa Junior	José Magalhães
Jairton Passarinho	Layster Maia
José Salmón	Luiz Inácio Lula da Silva
José Lúcio	Mansueto de Lacerda
José Mendes	Marcos Lacerda
Leopoldo Peres	Mário Maciel
Lourenberg Nunes Rocha	Mário Covas
Luiz Inácio Lula da Silva	Mário de Moraes
Marcondes Gadelha	Maurício Corrêa
Mauro Benevides	Márcio Borges
Nabor Junior	Mendes Canale
Odair Soares	Neilson Carneiro
Olívio Dutra	Nelson Wedekin
Rubid Salustina Derzi	Ney Maranhão
Raimundo Lira	Pompeu de Sousa
Roberto Campos	Ronaldo Araújo
Teófilo Rito	Ronaldo Tinó
	Ruy Baeta
	Severus Gomes
	Teófilo Vilela Filho
	Wilson Martins

Tasso não estranhou a margem de vitória

Fortaleza — O governador Tasso Jereissati, que sempre defendeu o mandato de cinco anos para o presidente Sarney, disse que já esperava pelo resultado da votação sobre o mandato presidencial, pelo que não se surpreendeu com os 328 votos a favor dos cincoanistas. Para ele, essa decisão foi boa, porque "graças a Deus não se falou mais nesse assunto".

tação positiva no exterior dos novos rumos da política econômica brasileira.

Jereissati entende que agora o presidente Sarney "deve compensar todo o Brasil, reforçando as medidas econômicas e administrativas que vem tomando há algum tempo, no sentido de conter o déficit público e ajustar a política econômica do País". Lembrou que durante sua permanência nos Estados Unidos e Europa, no último mês, manteve contatos com líderes brasileiros, que lhe confirmaram a acei-

O governador do Ceará salientou que o presidente Sarney disporá agora de um ano e mais alguns meses para fazer os reajustes necessários no País, no sentido de cumprir a transição de moeraticidade. Ele não teme que possa haver algum descompasso entre o governo e as aspirações do povo brasileiro, por achar que Sarney adotará as providências necessárias para reduzir a inflação e manter o crescimento econômico. Ele espera que a Assembleia Nacional Constituinte conclua seu trabalho de elaboração da nova Carta Constitucional, por entender que o País precisa que seus rumos sejam definidos, no sentido de buscar a solução dos seus problemas.